

**SATÃ NO LIVRO DE JÓ:
A AMBIGUIDADE MALDITA DE UMA PERSONAGEM**

**SATAN IN THE BOOK OF JOB:
A FOUL AMBIGUITY OF A CHARACTER**

Raphael Novaresi Leopoldo

Mestrando em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
raphanova@gmail.com



RESUMO

Esta produção contrasta a tradicional e controversa visão judaico-cristã sobre o papel de Satã no bíblico livro de Jó com algumas recentes especulações debatidas com vigor dentro dos Estudos Comparados entre Teologia e Literatura, pautando as discussões em Ehrman, Ferraz e Miles. As questões para as quais aqui mais diretamente se buscam respostas são: O Anjo Negro, no dito livro, é quem fora a serpente edênica ou um mero funcionário da corte celeste? O Acusador tenta o homem ou a Deus? A moral da estória é a perseverança do Justo ou a onipotência do Adversário?

Palavras-chave: Literatura Comparada. Teologia e Literatura. Primeiro Testamento. Prólogo de Jó. Deus - Satã - Jó.

ABSTRACT

This work contrasts the traditional and controversial Jewish-Christian view about Satan's role in the book of Job with some recent speculations vigorously debated within the Compared Studies of Literature and Theology. We take into account the discussions done by Ehrman, Ferraz and Miles. The questions to which we look more directly for answers are: In the cited book, was the Dark Angel the Edenic snake or just a celestial worker? The Accuser tempted the man or God? Is the moral about the determination of the Just or the omnipotence of the Adversary?

Key-words: Comparative Literature. Theology and Literature. First Testament. Prologue of Job. God, Satan and Job.

O tempo gradativamente passa, o curso da história sofre alterações, gerações se sucedem e, em meio a tudo isso, o enfoque dado a antigas estórias não poderia deixar de modificar-se. Nesse sentido, tudo pode ficar ainda mais impactante quando os comentários são tecidos e se alternam a respeito de um objeto com características indubitavelmente incomuns, como a idade entre 500 e 300 a.C. (DESVENDANDO..., 2009, p. 94): trata-se do livro de Jó.

Talvez seja Jó o opúsculo mais comentado pela crítica literária em nível mundial, saído de uma milenar biblioteca denominada Bíblia (DESVENDANDO..., 2009, p. 94). Observe-se, por exemplo, o alto número de trabalhos acadêmicos vindos a público sobre tão antigo livro. Apesar disso, parece haver sempre novas possíveis abordagens da citada obra, evidenciando a inesgotabilidade hagiográfica por ela apresentada e inserindo-a entre os seletos livros de caráter universal.

Diferente da visão teológica quando, em certos aspectos, considera laconicamente que “O livro [de Jó] coloca um problema, mas não o coloca como problema nem lhe propõe uma solução.” (McKENZIE, 1983, p. 487), o enfoque literário insiste em uma busca contínua por respostas. E apesar de tal intento, por vezes, exigir novas problematizações e respectivos desdobramentos, a procura por desenlaces tem se mostrado profícua.

Enfim, como comentado, se milhares de páginas já foram escritas sobre Jó da perspectiva literária, certamente há ainda muito a ser produzido. Entretanto parece não menos interessante buscar-se atentamente por boas respostas a questões antigas e novas no já dito e dito com propriedade e qualidade. É basicamente essa a colaboração que vem prestar este escrito à comunidade acadêmica.

1 ESTUDOS COMPARADOS ENTRE TEOLOGIA E LITERATURA

1.1 CIÊNCIA E ARTE: CONFLUÊNCIAS DE DUAS DISCIPLINAS

Gradualmente parece alterar-se o senso comum – quiçá também partilhado em certas esferas acadêmicas – de que as áreas de conhecimento, sejam elas Ciência ou Arte, foram ou são concebidas para que se apliquem ao desenvolvimento preciso dos assuntos aos quais, de modo natural, vinculam-se. Isso porque, quando constatado, parece não fazer sentido seccionar um potencial interdisciplinar entre áreas conceitualmente diferentes, mas com capacidade para enriquecer todos os sujeitos envolvidos¹.

Um exemplo disso pode ser a relação entre Teologia e Literatura. Se na já longínqua Escolástica, até mesmo por complexas relações de política e poder², a religião prescrevia a filosofia e o *modus vivendi* ocidental, classificando a Teologia como “rainha das ciências”³, hoje o cenário já é outro, bem menos drástico e tenso e, ao que parece, consideravelmente mais maduro e seguro de si.

Ainda que o diálogo não seja sempre pacífico, ao menos ele existe, numa paulatina e mui positiva busca por confluências (NERY, 2005, p. 86). De ambas as partes, o temor do *perder espaço para*, do *sentir-se ameaçado*, vai se transformando em *bem mútuo* e solidificando positivamente até mesmo as peculiaridades que as constituem disciplinas diversas. Comprovem-no, ao menos no âmbito acadêmico, a sensível presença de teólogos entre literatos e vice-versa em aulas magnas, palestras, conferências e afins.

E se o saber que se ocupa de Deus, dos possíveis atributos Dele e das relações do divino para com o homem e o universo é bem-vindo para um mergulho, por assim dizer, em obras nas quais se encerra o uso estético da linguagem escrita – como *A divina comédia* (Dante Alighieri) e *Paraíso perdido* (John Milton) –, porque não propor uma espécie de via de mão dupla, ou seja, a leitura e a análise de clássicos como a Bíblia sob as lentes da crítica literária?

De encontro ao estereótipo da *crítica pela crítica*, a discussão a seguir não visa causar um mero desconforto ou inquietação à milenar interpretação religiosa. O que ela vislumbra – e nisso se soma a outros tantos trabalhos – é um ainda maior alargamento de horizonte tanto para a Teologia quanto à Literatura, ratificando a noção de que o diálogo entre essas áreas aparentemente desconexas é mais que possível, é cabível e saudável.

1.2 PECULIARIDADES DESTE ESTUDO

Para que o trabalho proposto nestas páginas tenha condições de acontecer de modo adequado à brevidade acordada, como mencionado anteriormente na introdução, faz-se mister selecionar um dos relativamente pequenos livros que compõe o que Frye (apud AGUIAR, 2004, p. 6), repetindo William Blake, classificou como “The great code of art”. E tal escolha recaiu, não ao acaso, sobre Jó.

Estendendo um estudo crítico oportunamente iniciado em classe (dentro da academia), este trabalho busca responder alguns questionamentos, ao que parece, ainda em aberto, tendo por pré-suposto mais básico que o leitor conheça o livro de Jó previamente, ainda que por mera fruição ou piedade. Além disso, apesar das constatações e comentários sucessivos concentrarem-se no prólogo de Jó, mais precisamente nos capítulos que antecedem a rica poesia dele, é importante que o leitor tenha noção global daquele livro bíblico.

Mesmo tendo sido por certo dedutível, não parece em demasia evidenciar, então de modo direto, que a presente laboração não se prende no adjetivo *Sagrada* conferido à Bíblia por grupos confessionais como judeus e cristãos. Isso porque esta proposta se vincula ao caráter literário e não místico da referida obra, não pretendendo ratificar, apagar ou mesmo negar este.

Encerrando os preliminares, diga-se ainda que o presente exame é fundamentado em três consideráveis comentadores de Jó, quando tomado literariamente: Bart D. Ehrman (*Faz sentido sofrer? O livro de Jó e o Eclesiastes*), Salma Ferraz (*Jó, quem o tentou? A Onipotência em meio à tempestade contra o verme humano esmagado e rastejante*) e Jack Miles (*Confronto e Ocultação*)⁴, ainda que outros autores também possam ser eventualmente citados.

2 EM BUSCA DE ALGUMAS RESPOSTAS

2.1 DEUS E SATÃ SOB DIFERENTES LEITURAS

Atualmente, como se verá nos parágrafos sucessivos, a interpretação literária mais aceita sobre o início do livro de Jó (1:6; 2:1) sustenta que, pelo descrito no texto bíblico, a personagem Satã era um dos “filhos de Deus” (Gn 1:6) por se apresentar junto com essa classe divina diante do Altíssimo. Nessa leitura, é importante ressaltar, tal expressão ultrapassa o sentido de *ter origem em Deus*, conferindo algo como *estimado aos olhos do Criador*.

Assim, pelo papel descrito nas linhas ou versículos seguintes da estória, Satã não seria um “oponente de Deus” (DESVENDANDO..., 2009, p. 95), mas uma espécie de “promotor celestial” (DESVENDANDO..., 2009, p. 95), conseqüentemente com trânsito livre no Céu. Estaria a encargo desse filho propor ao Supremo testes ou congêneres, cumprindo aliás com a etimologia hebraica do nome Satã (o adversário, o acusador, sendo substantivo comum pois antecedido por artigo (MILES, 1997, p. 346)).

Nesse sentido, agora deixando que os críticos aqui propostos falem por si, Ehrman (2008, p. 148) especifica que, no livro em discussão, Satã “[...] é tratado como um dos membros do conselho divino de Deus, um grupo de divindades que regularmente se reportam a Deus e, evidentemente, percorrem o mundo fazendo a sua vontade.”. Esse autor considera “filhos de Deus” como literalmente “seres celestiais” (EHRMAN, 2008, p. 148). E Ferraz⁵ (2008, p. 74, destaque da autora) parece ir ao encontro de Ehrman, afirmando sobre o Adversário: “[...] Satanás – o qual nesse livro é identificado como “um dos filhos de Deus” que frequentava o céu com muita intimidade e liberdade [...]”.

Porém isso tudo seria menos nevrálgico, então teologicamente falando, se a interpretação hodierna não tivesse implicações na coerência de Jó para com outras composições bíblicas, já que os livros da Escritura são tradicionalmente tidos como coerentes e coesos, ainda que tal fato seja – e é – questionado por inúmeros leigos e estudiosos. Pontuando de forma específica, a percepção literária atual parece revogar da serpente do Gênesis, “o mais astuto de todos os animais” (Gn 3:1), a austera condenação religiosa de *máscara de Satã*, haja vista ser naquele ofídio que a tradição religiosa⁶ vê o Anjo Caído, a prefiguração do Acusador de Jó bem como o Anjo Mal do Segundo Testamento. Ehrman (2008, p. 148) é incisivo nesse ponto: “É importante perceber que aqui [em Jó] Satanás não é o anjo caído que foi expulso do paraíso, o inimigo cósmico de Deus.”⁷

Todavia cabe assinalar ser também possível abstrair que alguém pode se apresentar com um grupo determinado sem necessariamente fazer parte dele, podendo-se hipoteticamente descrever: No dia em que os discentes apresentaram-se na reitoria, João [que é docente] veio também entre eles. É essa leitura que o viés religioso mostra fazer, ambivalente à anteriormente descrita, pelo menos nesse primeiro aspecto. Ilustre-se pelo que advoga o comentarista da Bíblia de Jerusalém (2008, nota a Jó 1:6, grifo nosso) sobre Satã, em nota de roda pé exegetico-teológica: “É personagem equívoca, **distinta dos filhos de Deus**, cética em relação ao homem, desejosa de encontrar nele alguma culpa, capaz de desencadear sobre ele toda espécie de desgraças e até de arrastá-lo ao mal [...]”.

Contudo tal leitura também traz seus entraves. Sendo então Satã um intruso na Corte do Alto, ter-se-ia maculada a concepção do Empíreo como lugar digno tão somente da divindade e de seus abençoados pares e não de trânsito de demônios, já que relegados a outras regiões cridas sombrias. Essa visão também poderia impugnar racionalmente a aposta entre o Bem e o Mal já que Satã, como anjo caído e portanto repellido pelo Senhor, não gozaria de prestígio suficiente para propor qualquer tipo de jogo de azar ao Sumo Bem.

Mas, fulcrando-se nos autores até aqui referidos, há chance de a problemática ser maximizada. Independente da versão aceita, ao menos no sentido literário, vê-se uma espécie do que o popular chamaria de *beco sem saída* ou campo minado:

- ❖ Pode-se aceitar a ideia de Satã como servo. Ratifique-se que isso está de acordo tanto com Ehrman (2008, p. 148, destaque do autor), quando este diz “É um adversário no sentido de que faz o papel de “advogado do diabo”, questionando a sabedoria convencional para tentar provar uma tese.”, quanto com Ferraz (2008, p. 74, grifo nosso), por esta considerar que “[...] Satanás é apenas um instrumento para realizar a vontade de Deus.” Enfim **o Senhor Deus precisa de um empregado para fazer o trabalho sujo, por mais que isso não pareça muito digno da parte do *Fons Bene*.**
- ❖ Já se admitida a leitura religiosa, tem-se um Satã no Céu com papel de *espião* (BÍBLIA..., 2008, nota a Jó 1:6) e a noção de **um Deus que, mesmo sendo Onipotente, deixa-se incitar por uma torpe, vil e intrusa criatura (Serpente - Satã - Lúcifer)**, sendo que esta, como evidenciado acima, ousa desfilar pelo *Sancta Sanctorum*.

Não se delongando nesse aspecto, apesar de assinalar a diversidade das traduções do termo Satã quando tomado da língua semítica, Miles (1997, p. 346) pondera o que nesta análise literária parece ser não menos importante: “Para nós basta saber que o Senhor foi suscetível às sugestões de um ser celestial hostil ao ser humano.”

2.2 TENTAÇÃO - TENTAÇÕES: UM ASTUCIOSO EMARANHADO

Independente da versão anterior aceita, a estória do livro de Jó prossegue com Deus exibindo a seu servo/inimigo Satã o justo Jó, sempre fiel e temente ao Senhor; conforme Ehrman (2008, p. 148), “O Senhor gaba-se com Satanás da vida impecável de Jó [...]” Porém

essa exibição parece se dar no sentido de fina incitação, como se fosse exposto um copo com água (Jó) a quem sentisse sede tão árida a ponto de secar um poço (Satã). Se para inúmeros leitores tal fato é negligenciado, para Ferraz (2008, p. 74) “Deus provoca Satanás”, ou seja, o próprio Tentador é tentado pelo Adonai nessa passagem. Dessa forma, se em Jó o Altíssimo não é o único tentador, ao menos ele é o primeiro! Nesse ponto, Ferraz (2008, p. 74) fala do “caráter destrutivo de Javé”.

Então, como se esperaria, o Adversário aceita o desafio Divino respondendo à altura, aí sim, levando o Senhor Deus a aceitar o que Ehrman (2008, p. 165) chama de “teste”, Ferraz (2008, p. 74) de “pacto” e Miles (1997, p. 347) diretamente de *tentação*. Insólito é o modo como o Ser Supremo admite isso, com respostas permissivas (cf. Jó 1:12; 2:6), sem sequer contestar em sentido algum o **jogo mortal** oferecido de forma tão gratuita por Satã. Assim fazendo, ainda que bem mais tarde suspenda essa aposta (MILES, 1997, p. 370), Deus parece se tornar uma espécie de presa fácil, de joguete nas garras experientes e certamente ardilosas do Acusador.

A tal ponto cabe citar uma das afirmações de Ferraz (2008, p. 74), quando a comentadora pontua que a aposta do livro de Jó “[...] revela-nos um mundo regido por dois deuses orgulhosos, e a partir daí o caráter nada santo do Senhor Deus.” ou ainda a colocação de Miles (1997, p. 347) de que “Embora o autor de *Jó* não chegue a esposar a tese de que Deus é um demônio, ele certamente é capaz de posição equivalente.” Quanto ao próprio Jó, Satã o tenta essencialmente pelo sofrimento, objetivando com que esse blasfeme, renegue a Deus (Jó 2:5). O poeta cristão Gladir Cabral (2003, faixa 15) na belíssima *Canção de Jó*, resume bem os tormentos daquele a quem McKenzie (1983, p. 48) chega a chamar de “herói”:

Veio o assaltante e carregou tua boiada!
Todos os teus servos foram mortos pela espada!
Veio um vento forte e destruiu tua morada!
Todos os teus filhos pereceram na rajada!
.....
Resto de uma vida estendida numa esteira
Dor e sofrimento, desde o pé à cabeleira
.....

Ao que parece, Satã também inferniza o justo de Hus pela boca da esposa do sofredor. Citando ainda o poeta (CABRAL, 2003, faixa 15), já que fiel à Bíblia:

.....
‘Esquece a tua fé’, diz a sua companheira,
‘Faz da maldição a tua prece derradeira!’
.....

Mas Jó resiste às desgraças, a insensatez de sua esposa e ao longo julgamento dos amigos Elifaz de Temã, Baldad de Suás e Sofar de Naamat⁸ (Jó 2:11), que ocupam boa parte da seção poética do livro.

Em suma, entre Jó, Deus e Satã, todos foram tentados, embora não pela mesma personagem: Deus tenta Satã que, por sua vez, tenta a Deus diretamente e a Jó, por consequência. Ainda assim, a magnitude tentadora parece permanecer na sedução da divindade, já que o homem é como que cliente antigo do Inimigo. E o destaque parece recair justamente sobre o Ser Supremo pois, ao contrário, por exemplo, do imprevisível Olimpo grego, no Céu hebreu, até então, não havia acontecido travessuras dessa espécie, pois nele Javé tudo podia (Onipotente), sabia (Onisciente) e presenciava (Onipresente) com mãos firmes.

Nesse emaranhado de tentações e diante de tamanha discussão, fica um forte questionamento feito por Ferraz (2008, p. 74), pergunta essa que, partindo da Literatura, abre-se totalmente à Teologia: “Se Deus era onisciente [sabendo tudo por antecipação], por que provocou Satanás?”

2.3 ESPECULAÇÕES SOBRE A MORAL DA ESTÓRIA

Pondo em cheque a noção do livro de Jó como paradigma do homem paciente ou daquele que “aceitou a vontade divina com paciência” (SOLDI; TRIACCA, 2010, p. 858) – indubitavelmente fonte do anexam “paciente como Jó” –, a crítica literária parece poder oportunizar a busca por uma *moral da estória* que seja mais propriamente justificada pelo relato contido no dito opúsculo. Apesar disso se mostrar tarefa não muito fácil e própria a um estudo mais aprofundado, acurado e extenso, é mister propor e investigar sucintamente pelo menos duas possibilidades, como feito nas subseções abaixo.

2.3.1 O justo persevera?

Apesar de não usar literalmente a palavra *justo* como adjetivo para Jó, a descrição bíblica revela de forma nítida a aplicação desse qualitativo: “Era um homem íntegro e reto, que temia a Deus e se afastava do mal.” (Jó 1:1). Por conta de tal comportamento, amparado pela teológica *justiça distributiva*, segundo a qual os bons são recompensados e os maus punidos, Jó se torna “[...] o mais rico de todos os homens do Oriente.” (Jó 1:3). Em outras palavras, se isto fosse possível, Jó já seria um venerável para os padrões bíblicos antes dos acontecimentos narrados no livro que conta suas desventuras.

Recorde-se também que o âmago da questão entre Deus e Satã era atestar se a justiça de Jó estava ligada aos muitos benefícios recebidos por este da parte do Senhor. Nas palavras de Ehrman (2008, p. 150), “A visão do sofrimento nessa narrativa popular é bem nítida: algumas vezes o sofrimento se abate sobre o inocente [neste caso, Jó] de modo a revelar se sua devoção a Deus é genuína e desinteressada.” Então, como que lançado do cimo ao abismo, a personagem-título é transformada em uma espécie de “verme humano esmagado e rastejante” (JUNG apud FERRAZ, 2008, p. 79), ressalte-se, sob ciência e autorização do “imprevisível Senhor dos Judeus” (MILES, 1997, p. 349).

Diante de tamanha agonia, ferido na própria carne, “mais morto do que vivo” (MILES, 1997, p. 364), seria de se esperar que Jó entregasse os pontos, até mesmo dizendo-se culpado sem o sê-lo, visando resumir seus tormentos. No entanto, seu próprio senso de justiça parece não o permitir cometer essa injustiça contra si mesmo. Como bem pontua Ehrman (2008, p. 158), “Ele não pode se arrepender de pecados que nunca cometeu e fingir que seu sofrimento é merecido quando na verdade nada fez de errado.” Nem um Deus que Miles (1997, p. 345) classifica como “furioso”, “imperioso” e “tempestuoso” faz o obstinado Jó mudar de ideia: “Moralmente Jó aguentou até o fim [...]”

Por conta disso é que, no caso de Jó, pode-se somar ao designativo *justo* o forte adjetivo *perseverante*, ou seja, aquele que persiste, que continua a ser, que conserva-se: “[...] Jó persevera em apresentar sua defesa a Deus, insistindo em sua própria justiça e em seu direito a declarar sua inocência: ‘enquanto dentro de mim houver um sopro de vida (...) meus lábios não dirão falsidades nem minha língua pronunciará mentiras!’” (EHRMAN, 2008, p. 161).

2.3.2 O Adversário é onipotente?

Considere-se *a priori* que grande parte da resposta ao questionamento ora proposto vincula-se ao já brevemente assinalado na parte 2.1 deste trabalho bem como ao abordado na seção 2.2 deste mesmo exame, haja vista a conjectura da onipotência de Satã estar intimamente vinculada à figura do Senhor Deus como um Criador tentado. Ainda assim, convém juntar-se algo ao anteriormente mencionado.

Parece certo que, no livro aqui em análise, Satã tem um ganho considerável: ele convence a Deus, com certa facilidade, de que a opinião da divindade sobre Jó poderia estar equivocada. Talvez com isso o Adversário tenha realizado uma de suas maiores façanhas

como ser criado. Sobre a consequência trágica desse convencimento satânico, comenta Miles (1997, p. 348): “[...] o Senhor [...] retira a recompensa [de Jó] e impõe o sofrimento sem nenhuma outra razão além de provar ao diabo que Jó efetivamente ‘teme a Deus por nada.’”

Entretanto se de certo modo o Acusador sai-se bem na inusitada tentação ao Altíssimo, mostrando-se um tentador a altura do posto, não é vitorioso em todas as ciladas, fazendo com que o qualitativo onipotente pareça um pouco demasiado para si. Isso pois, em contrapartida, o Inimigo perde sua grande aposta, o jogo com Deus, que Ferraz (2008, p. 74, grifo da autora) alcunha divertidamente de “*big brother celestial*”. Essa derrota acontece exatamente pelo fato inesperado – e desgraçante para Satã – de Jó, apesar de também vítima do Tentador, permanecer perseverante na justiça, resistindo impoluto, fato que Miles (1997, p. 370) chega a chamar de “teimosia de Jó”, o que difere sobremaneira de *paciência*.

Ademais os comentadores salientam, ao que parece, com propriedade, que Satã só age com autorização explícita de Deus, que seria, de certo ponto, o Todo-poderoso. Ehrman (2008, p. 15), por exemplo, precisa: “É exatamente Deus que autoriza Satanás a fazer o que faz; ele não poderia fazer nada sem a ordem de Deus.” A Bíblia, por seu turno, confirma no final do livro de Jó (42:11, grifo nosso): “Vieram visitá-lo [a Jó] seus irmãos e irmãs e os antigos conhecidos; almoçaram em sua casa, consolaram-no e confortaram-no pela **desgraça que Iahweh lhe tinha enviado [...]**.”

Contudo, se dessa forma considerado, surge um outro inquieto questionamento. Se onipotente for sinônimo de alguém com ilimitado poder, que dispõe de autoridade absoluta e irrestrita, por que Aquele a quem tradicionalmente se atribui tais características – ou seja, Deus – é ou deixa-se ser ludibriado tão simplesmente por Satã, uma de suas próprias criaturas? Qual a razão de Deus ter dado a volta que deu para tentar compensar, no final do livro, o que causara injustamente a Jó?

O título deste trabalho aponta diretamente para Satã no livro Jó como sendo uma personagem ambígua, ou seja, um ser que pode ter diferentes sentidos, que desperta dúvidas, que permite interpretações várias e antagônicas. De fato, é o que se pode concluir desde as explicações sobre Satã como filho de Deus até a discussão sobre a suposta onipotência desse.

Porém algo aponta para além disso. Curiosamente a ambiguidade parece não ser atributo exclusivo do Acusador, mas também do próprio Senhor Deus. Valida tal assertiva, por exemplo, a possibilidade de Javé ter um empregado (Satã) para fazer o trabalho sujo; de o Criador ter sido ou deixar-se ser tentado por um demônio; etc. Isso posto, seria o caso de se empregar o fino trocadilho sobre Deus em Jó: a ambiguidade bendita (ou maldita?) de uma divindade. Enfim a preocupação em isentar o Deus bíblico de qualquer indício de perversidade ou maldade parece tendenciosa e ineficaz.

Frente ao exposto, depreende-se também que **protagonistas *escorregadios do vult* dos que povoam Jó acabam por tornar também o livro em questão *deliciosamente ambíguo***, se forem permitidas expressões a gosto literário. Nesse aspecto, mesmo que indiretamente, lembre-se da relação entre Capitu e Bentinho, do romance machadiano *Dom Casmurro*, no qual tudo também parece ficar no plano do subentendido. Em poucas palavras: ambas as estórias revelam-se deveras célebres e controversas.

Fato é que a leitura crítica de Jó desconstrói a tão antiga quanto pretensa dicotomia Deus - Bom *versus* Satã - Mal, retratando a divindade como uma figura próxima ao concebido pela filosofia chinesa nominada yin-yang. Aliás a complexidade das questões suscitadas pelo livro bíblico em questão, até mesmo com o próprio truncamento das partes do texto transmitidas à contemporaneidade⁹, reflete muito propriamente a profundidade das questões de ordem filosófico-teológicas nele abordáveis.

NOTAS DE FIM

- ¹ São inúmeros os trabalhos publicados sustentando a relevância e necessidade da educação interdisciplinar, tais como: PIMENTA, Carlos. **Interdisciplinaridade e universidade**: tópicos de interpretação e ação. Porto: Cátedra Humanismo Latino, 2005. Disponível em <<http://www.humanismolatino.online.pt/v1/pdf/E026492.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2010. e BORDAS, Merion C. A Interdisciplinaridade na universidade: possibilidades e limites. In: FRANCO, M. E. D. P. e KRAHE E. D. (Orgs.). **Pedagogia universitária e áreas de conhecimento**. Porto Alegre: Série RIES/PRONEX EdiPucrs, vol. 1, 2007, p. 73-93. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/geu/pdfs%20pedagogia%20univer/T_R_BORDASMerion.pdf>. Acesso em: 08 set. 2010. Aquele de destacável cunho terminológico, este, histórico-crítico.
- ² Dando ideia de tal imbricação, cite-se, por exemplo: “De Inocêncio III (1198-1216) a Bonifácio VIII (1294-1303), a cristandade está no ápice do poder temporal. Sustenta que o poder espiritual deve controlar o poder temporal e intervir, eventualmente (*occasionaliter*), quando esse último falha em sua missão (*ratione peccati*).” LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). **Dicionário crítico de Teologia**. São Paulo: Ed. Loyola; Ed. Paulinas, 2004, p. 866.
- ³ LACOSTE, op. cit., p. 746 (verbete “Teologia”). Em outras palavras, a mesma entrada, então na p. 747, especifica ainda: “A universidade medieval propunha um currículo orgânico, culminando no estudo de uma teologia que reinava sobre as ciências [...]”.
- ⁴ As três obras estão devidamente referenciadas na relação bibliográfica, ao final deste trabalho.
- ⁵ Fundamentada em Cousté, Greenberg, Jung, Maciel, Negri e Papini.
- ⁶ Essa posição ortodoxa pode ser encontrada, por exemplo, na BÍBLIA de Jerusalém. Ed. rev. e ampl. 5ª impressão. Paulus: São Paulo, 2008. Nota a Jó 1:6.
- ⁷ Para esmiuçar esta questão, que tem sua gênese na formação histórica do texto de Jó, cf. GREENBERG, Moshe. Jó. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank. **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: UNESP, 1997, p. 305-326.
- ⁸ Sobre o discurso dos amigos de Jó e réplica da personagem-título, também cf. GREENBERG, 1997.

⁹ Cf. GREENBERG, 1997.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Flávio. Nota do tradutor. In: FRYE, Northrop. *O código dos códigos: a Bíblia e a Literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 6.

BÍBLIA de Jerusalém. Ed. rev. e ampl. 5ª impressão. Paulus: São Paulo, 2008.

BORDAS, Merion C. A Interdisciplinaridade na universidade: possibilidades e limites. In: FRANCO, M. E. D. P. e KRAHE E. D. (Orgs.). *Pedagogia universitária e áreas de conhecimento*. Porto Alegre: Série RIES/PRONEX EdiPucrs, vol. 1, 2007, p. 73-93. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/geu/pdfs%20pedagogia%20univer/T_R_BORDAS_Merion.pdf>. Acesso em: 08 set. 2010.

CABRAL, Gladir. Intérprete: Canção de Jó. In: _____. *Luz para o caminho*. Criciúma: Estúdio Eclipse, 2003. 1 CD. Faixa 15.

DESVENDANDO a Bíblia e seus mistérios. São Paulo: Ed. Escala, 2009.

EHRMAN, Bart D. Faz sentido sofrer? O livro de Jó e o Eclesiastes. In: _____. *O problema com Deus*. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 143-171.

FERRAZ, Salma. Jó, quem o tentou? A Onipotência em meio à tempestade contra o verme humano esmagado e rastejante. In: _____. et al. *Deuses em Poéticas: Estudos de Literatura e Teologia*. Belém: UEPA; UEPB, 2008.

GREENBERG, Moshe. Jó. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank. *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: UNESP, 1997, p. 305-326.

LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004, p. 865-869 (verbete “Igreja-Estado”).

McKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*, 6ª ed. São Paulo: Paulus, 1983, p. 485-488.

MILES, Jack. Confronto. Ocultação. In: _____. *Deus: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 341-368; 369-374.

NERY, Antonio Augusto. O espaço ficcional como desenvolvimento do pensamento teológico. *Revista de divulgação cultural da FURB*. Blumenau, n. 86, ano 27, p. 84-93, maio/ago. 2005.

PIMENTA, Carlos. *Interdisciplinaridade e universidade: tópicos de interpretação e acção*. Porto: Cátedra Humanismo Latino, 2005. Disponível em <<http://www.humanismolatino.online.pt/v1/pdf/E026492.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2010.

SODI, Manlio; TRIACCA, Achille M. (Orgs.). *Dicionário de Homilética*. São Paulo: Paulus; Ed. Loyola, 2010, p. 858-861 (verbete “Jó”).

CURRÍCULO RESUMIDO DO AUTOR

Possui graduação em Letras pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Atualmente é revisor profissional de texto e aluno do Programa de Pós-Graduação em Literatura, em nível de mestrado, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), aplicando-se sobretudo aos Estudos Comparados entre Teologia e Literatura. Contato: raphanova@gmail.com.